

Meu amor! adoro-te



Album de caricaturas de Belmonte..
Edição da "Fou-Frou"

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

B E L M O N T E

**MEU AMOR!
ADORO-TE!**

(O AMOR ATRAVÉS OS SECULOS)

ALBUM DE CARICATURAS

Edição de FROU-FROU

1926

BELMONTE E O SEU MUNDO

O jazz-band despeja as musicas gritantes como um balaio de cacaréos: couplets, arias, ingenuas melodias engalfinhadas. Rebanhos de cabras saracoteiam com sincerros e guizos. Wagner - caricatura commanda: — Spumone! Abacaxy!

Madame cruza as pernas; e um joelho salta como um mormaço no contorno aurora da meia beije. E a liga sorri, sob os desenhos da musselina alacre.

*
* * *

A Cidade é um album de projecções...

*
* * *

Na ponta do Viaducto, o sol espia. O sabbado está carregado de flores. Fonfonam torpedos nouveaux-riques com paralamas reluzentes. Trotam bipedes com pastas. Mas o footing é um dragão de monoculo. Pintos calçados, colletes phantazias, cinturas ephebicas de vespas.

A porta do Mappin, da Casa Allemã, do Bar... O sabbado floresceu em azul, bois de rose, malva, lilaz... A tarde é um bazar de olhos bistres, de labios rouges, em cópas, de espaduas e braços insultantes.

E pernas. E pernas.

Mademoiselle é uma tunica flottante, qui flotte des parfuns mysterieux, em que o olfacto instinctivo do footing caprino percebe a catanga tepida dos caldeamentos, como um odor di femina que é quasi o cheiro da Terra Virgem.

Mademoiselle vae para o chá dansante. Os seus meneios estão contando. As ancas puberdade teem bamboleos de rédes lascivas, teem gingos macios de caule cabôclo, molengo nas barras egypticas, no cinto assyrio, que faz um busto mais longo, e a torna mais palmeira, empennachada pela cópa cocar do la garçonne.

*
* * *

Um chapéosinho vermelho riscou de braza um trecho da rua e mergulhou no arcoiris de um bazar.

*
* * *

Agora é uma manhã loura. Carrilhões azues! Missa das 10 em Santa Cecilia, missa das 11 em S. Bento. Espectativas caçadotes de bustos almofadinhas.

— A Lilita é prompta, não Lulú?

— Mas é o succo. E a Zezé?

— A Zezé falla franceis...

A missa conventual desfecha para o sol um tiro illuminado de chapéos claros, de collares longos, fitas, missangas, joias, sorrisos. Beijos leves de sapatos no asphalto.

E pernas, e braços, e collos, e labios...

*
* * *

Carteiras de pelle bordada, descommunaes. Parasóes de cabos descommunaes. Lorgnons...

Fifi parou. E' um sweater de seda multicolor sobre tule de Genova. Abriu a carteira, mirou-se ao espelho. E, alli mesmo, corrigiu, com um traço, o rouge da boquinha pitanga!

*
* * *

Zizinha é torcedora do Paulistano. Que lindos braços tem Zizinha! A Iracema gosta das corridas. A nuca é uma peanha graciosa da cabeça infantil. E a Bebé, a das lindas pernas, faz correspondencias para a "Cigarra".

“Nenhum desenho pôde ser uma verdadeira caricatura, si não nos faz pensar”

Estas palavras são de Spielmann, um dos primeiros criticos inglezes, ao falar do humorismo graphico. José Francês baseia-se neste conceito para pôr em relevo os trabalhos de Forain, Hermann Paul, Hope Read, Wilhelm Schutz, Gibson, e outros artistas europeus. A ellas me attenho, falando de Belmonte.

*
* *

A caricatura de Belmonte, que focaliza exactamente o ambiente e figuras que debuchei acima, não só espelha a nossa vida moderna, porém acompanha-a, como um commentario.

As mulheres de Belmonte estão ficando tão famosas como o seu Juca Pato.

*
* *

Passam torpedos nouveau-riches, bipedes com pastas. O bipede com pasta é Juca Pato. Nos torpedos e limousines tambem vae Juca Pato. Elle é o espectador da nossa marcha civilizadora... E' pae, é irmão, é marido, é noivo, do Joelho que salta na meia beije, do pinto calçudo e do cintura de vespa, que vivem de suas mesadas, de mademoiselle flottante, do chapéosinho vermelho, de Lilita, de Zezé, de Fifi, de Zizinha, de Iracema, de Bebê...

*
* *

O traço de Belmonte flagrantiza cruamente toda uma civilização cosmopolita:

Rodolphos Valentinos, Harolds Lloyd, Normas Talmadge, Bebés Daniel's, Glorias Swanson; e...

Lincoln, Cadillac, Roll-Royce, Studebaker; e...

La vie parisienne, L'illustration, La Revue des deux mondes; e...

whisky and soda, cocktails, Martinis, Pomerys, Clicquots, Lanson; e...

fox-trot, one-step, shimmy, charleston; e...

Victor Margueritte, Paul Adam, Prévost, Guido da Verona, Pitigrili, Mariani; e...

Max Jacob, Appolinaire, Cendrars, Cocteau, Morand, Marinetti; e...

Carpentier, Jack Johnson, Dempsey; e...

Papá Noel, Pinocchio, arvores de natal, reveillons; e...

“uber alles” “Dante Alighieri”, “le monde marche”, “God save the king”; e...

seria um nunca acabar!

*
* *

Quando o typo americano estiver completamente extincto na Babylonia, Juca Pato, se sobreviver á sua propria impassibilidade, poderá estudal-o, recompondo-o, como os dinotheriuns e os mastodontes do periodo cretaceo.

Mas terá, antes, de remover os terrenos superpostos, que se constituirá de todo esse cosmopolitismo, de todo esse snobismo descaracterizador, essa inconsciencia de simios, que identifica a involução das raças inferiores; e, então, não haverá melhor guia do que os desenhos de Belmonte, as suas figuras masculinas e femininas.

*
* *

Entretanto, nada falei deste album interessantissimo de Belmonte. Nada? E' possivel que o tenha feito, falando de cousa tão differente. Porque, afinal, nas magnificas charges com que o popular artista paulistano evoca O Amôr através os Seculos'', está o mesmo espirito galhofeiro, a mesma ironia, que consagraram Belmonte o chronista querido do drama a que estamos assistindo em São Paulo.

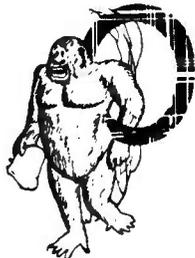
Drama, realmente, porque as suas caricaturas fazem rir e pensar.

E Spielmann tem razão...

PLINIO SALGADO

S. Paulo, Agosto de 1926

P R E F A C I O



AMOR, na opinião respeitavel dos sabios (os sabios são os homens que “explicam” por hypotheses e “definem” por supposições) é “um sentimento estranho cuja origem se perde na noite dos tempos”.

A “definição” é vaga. E’, talvez, inutil, mas razoavel, em se tratando de coisa tão complexa e, por isso mesmo, indefinivel. Perdoemos, pois — pobres de espirito que somos — a escapatoria subtil da noite chronologica e, sem indagar as razões por que a sciencia se apavora com duendes e não se mette por essa “noite” a dentro, para trazer de lá o “xis” de muitas coisas, contentemo-nos em examinar os subsidios que ella nos traz para que hoje, neste seculo curioso e frivolo, saibamos como agiu o primeiro homem, no “momento solenne” da conquista da primeira mulher.

Os paleontólogos, crentes na infallibilidade de suas doutrinas, fallam em encadeamento de raças, evoluções da especie, cellulas primordiaes, gerações espontaneas.. Pouco depois, porém, deixam pender os braços desalentados porque, á série sem fim de explicações dogmaticas, segue-se, ironica e fatal, a mesma obscuridade das coisas inexplicadas, que continuam sendo, pelos seculos em fóra, coisas inexplicaveis.

Emquanto Darwin, na Inglaterra, “dogmatiza”, de dedo em riste, que o homem descende de macacos, Lecomte, na França, sorrindo com desdém, afirma que “o systema de Darwin é um romance scientifico”. Hækel berra que a progenie humana tem seu “alpha” no gorilla. Agassiz, bocejando, resmunga que “essa theoria é contraria aos verdadeiros methodos”. Lamarck entra em scena e joga no macaco. Mas Buchner, desanimado, exclama : “Nada podemos saber sobre a essencia das coisas”. Hæckel resurge carregando um monstrengo, o “Pithecautropo erecto” Dubois apparece com as maxillas de Heidelberg. Gritos. Confusão. Apartes. Rugidos. Voam papeis. Tinteiros fuzilam. E Le Play, tomando o chapéu e a bengala, sáe aos resmoneios : “Não nos cabe remontar á origem das coisas : ignoramol-as”.

Essa gente ignora tudo !



RA, é evidente que taes coisas devem ser explicadas. De qualquer modo. Se a sciencia não nos diz a origem do homem, inhibindo-nos, assim, de saber como amaram os nossos pre-avós, agarremo-nos á Biblia que, em theorias muito mais amaveis, nos põe ao correr dos factos.

Ahi, segundo o Genesis, somos uma “creação de Deus”. Póde não ser verdade, mas é galante. Não terá, talvez, essa theoria, a “certeza positiva” que queria Hæckel, mas tem, innegavelmente, muita finura, e chega a ser convincente.

Que diabo ! Entre “filho de mono”, da theoria evolucionista e “filho de Deus” da doutrina evangelica, é natural que o homem, sem hesitação maior, optará, vaidoso, pela segunda paternidade, embora a Sciencia nos empurre o macaco com os nomes sonóros de “simia”, “prosimia”, “platirrinoes”

ou "catarrhina" Parece que não ha ninguém, de senso normal e de idéas claras, que abandone a filiação divina para cahir nos braços paternos de um gorilla felpudo e mal encarado. Se tal homem houvesse, daria pessima prova de sua integridade mental! O caso de Dayton é recente; o professor Scoppés é um exemplo.

Vê-se, assim, que o Christianismo tem resistido aos tempos e á Sciencia, não só por motivos espirituaes, mas tambem, e principalmente, por questões de Esthetica.

Apeguemo-nos, pois, á Biblia, e vejamos ahí como o primeiro homem conquistou a primeira mulher.

Perdão!

Naquelle tempo houve uma inversão nos papeis: foi a mulher que conquistou o homem.



DÃO que bocejava, entediado com a mattaria do Eden, teve desejos de possuir alguém que o ajudasse a contemplar a terra, porque elle, sózinho, se cansára com tal trabalho.

E, segundo a Biblia, "disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora, que esteja como deante delle". E, da costella do vadio, manipulou Jehovah uma "ajudadora" fresquinha e lépida chamada Eva.

Ora, Eva não veio ao mundo com a alma com que Ruskin veio mais tarde. E, assim sendo, não achou a natureza mais bella que o seu companheiro. Enamorou-se delle. E, enquanto Adão, muito compenetrado e muito grave, embasbacava para as arvores e boquiabria-se para os regatos, ella, menos contemplativa, conspirava com a serpente, para que o lórpa achasse nella, enfim, as bellezas sublimes que, em vão, buscava na natureza.

E o interessante é que achou!

A astucia viperina de que Eva se apossára conseguiu desviar os olhos do homem do encantamento edenico e fazel-os fixar-se, extaticos, nas graças ignoradas da companheira.. A' sombra da arvore amaram-se finalmente.

Estava consummada a primeira conquista. E estava consummada, tambem, a primeira transgressão humana a leis inviolaveis e draconianas.

Resultado: o castigo. Deus apparece e, juiz inexoravel, lança sobre a mulher avalanches desordenadas de tremendas apostrophes.

Eva treme. Faz beicinho. Chóra. Promette não peccar mais. Promessa inutil, de resto, porque o peccado se apossára, irremediavelmente, de Adão. O malandro, carregando nos hombros um castigo menor, não temeu consequencias repressivas da Divindade. E desd'ahi tem sido elle o autor audacioso da conquista.

Eva, sentindo nos ouvidos, até hoje, o resôo apocalypticico da maldição divina, teme, esquiva-se, foge... Mas Adão, menos alvejado pela ira do Creador, persegue-a, tentando-a, ou com palavras languens, ou com promessas, ou com violencias.

E ella cede...

Cede porque, nesse ponto, ella está com Wilde neste preceito commodo: "O unico meio de atalhar as tentações é cahir no peccado"

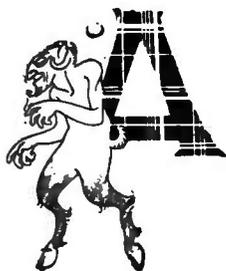


DESDE então vem a mulher atalhando as tentações do homem. E este, para conquistá-la, usa sempre, desde milênios, os mesmos modos, os mesmos processos, as mesmas palavras, as mesmas promessas. O “desde o primeiro momento em que te vi”, vem da Pedra Lascada. O “por ti darei a minha vida” é plagio do que já disse Adão... que, aliás, nunca deu a vida por Eva, nem por ninguém. E, principalmente, a tentação das joias, é que, positivamente, se perde na “noite dos tempos” Entre o “homo” das cavernas e um “almofadinha” dos salões, o parallelismo é desconcertante. Aquelle, cavalgando o mamute e este conduzindo o automovel, teem para a mulher as mesmas promessas; o primeiro offerecendo um anel de osso, o segundo acenando com um collar de perolas. Fazem-se, assim, inferiores á mulher, pois a joia é o contrapeso que os equilibra com ella. Diminuem-se. Rebaixam-se. Tornam-se ridiculos, sem a joia!



HOUBE na Historia, é certo, periodos indeterminados em que a mulher, lamentavelmente, confundiu gemmas de joalheria com gemmas poeticas. Esses periodos intermittentes manifestaram-se mais profundamente nos dias nebulosos da Edade Média e tiveram seu ponto culminante ahí por volta de 1830. E' verdade que, na época mediéva, a ausencia do marido, empenhado em desbaratar infiéis na Terra Santa, auxiliava o effeito narcotizante dos descantes lyricos do menestrel. Mas, na madrugada do seculo XIX, a poesia era um “caso sério”, e um poeta decentemente choramingão, com suas rimas e seus queixumes, conseguia da mulher o que hoje difficilmente se consegue com um bangalô de luxo e um auto de seis cylindros. E, na Grecia antiga houve um periodo, tambem, em que o poeta só encontrava um homem que o desbancava : o lutador.

Mas foram excepções que confirmaram a regra.



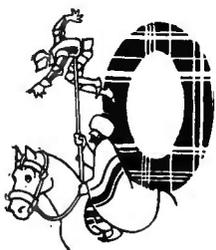
ASSIM, pois, seguindo o exemplo subtil da Sciencia, que nada explica, e certos de que a Historia é um longo romance com muitas datas, façamos, paginas adeante, fantasias gaiatas sobre o periodo nevoento da Humanidade primitiva e, sobre os tempos historicos, supposições accórdes com o que sabemos. E, volvendo estas paginas, o leitor verá que não sabemos nada. Mas a culpa não é nossa. Não somos historiadores gravebundos. Somos, apenas, alegres observadores. Não se pretende tirar licções moraes — valha-nos Deus! — mas apenas sorrir um pouco á custa do Amor, essa “coisa estranha” que atravessa os seculos, sempre intangivel e invariavel. Se não fossem os Codigos, e a Policia não lhe tolhesse os instinctos, o homem agiria sempre, deante da mulher, com o mesmo furôr com que agia o “homo” da Edade do Ferro, o huno do tempo de Attila, ou o “gaulez” de Vercingetorix...

Porque a Civilisação faz os Codigos, altera os costumes e refrea os instinctos. Mas não os mata. Supprimam as leis e o bestialismo campeará, infrene. Dentro de cada um de nós dorme um Satyro insolente que acórda, ás vezes, na rua, no cinema ou no bonde, que entreabre um olho maroto, mas que não salta porque o policia está alli na esquina, a observá-lo... Isto quando o Satyro se manifesta isoladamente num ou noutro individuo. Ha occasiões, po-

rém, em que essa manifestação é colectiva, em que a Besta acórda, coincidentemente, em todos os indivíduos. Então não ha Codigo que o refreie, nem policia que o detenha! Assim foi em Sodoma, assim foi na Persia, assim foi em Roma... E esse povo decáe. Porque? Falta de intelligencia ou de character?

Responda Le Bon, na "Evolução dos Povos": "Não encontramos um só povo que haja desaparecido como consequencia do rebaixamento da intelligencia".

Mas isso já é outro assumpto.



QUE se pretende aqui é mostrar, apenas, a attitude do homem deante da mulher, no instante tragi-comico da conquista, attitude que é, sempre, ridicula ou brutal, seja nas éras lacustres, nos tempos mediévos ou nos dias contemporaneos.

Nós dissemos: sempre. E o é, com effeito, mesmo nos chamados "tempos heroicos", quando a mulher ordenava ao pretendente que cingisse a sua armadura e fosse brigar com mouros ou serracenos. Para ella, é claro, o homem voltava heróe. Nós, porém, achamol-o duplamente ridiculo porque, afinal de contas, o desgraçado era capaz de deixar a pelle com o inimigo e a amada com algum outro!

Ora, que se perca a vida, nada de estranho, porque isso é lei immutavel e intransgressivel. Vá lá. A gente não gosta, mas sempre concorda. Mas que se perca tambem a mulher amada, é muito forte! Dahi a conclusão de que tal modo de conquistar as graças femininas não é heroismo, como parece. É burrice! Burrice porque, afinal, o pobre mouro não tinha nada com o peixe. no caso em que o mouro morresse. E burrice dupla, no caso da morte do "heróe", porque um homem morto parece que não serve p'ra nada nesta vida. muito menos para conquistar mulheres...

Morrer "pela" mulher é bello. Mas morrer "para" a mulher, é desagradavel.



MFIM, dando um salto sobre tudo isso, vamos á conclusão.

A conclusão é que nós quizemos dar um quináu solenissimo em Linneu, quando este sueco vaidoso chama o homem de "homo sapiens", abrangendo, nesta classificacão apressada, toda a especie humana racional.

Quanto á parte feminina, arrisco-me a concordar. Concordo.

Quanto ao homem, porém, discórdo.

Discordo porque... já disse lá atraz porque. E os róbiscos deste album explicarão melhor.

Explicarão?

Não sei. Talvez não expliquem nada.

Porque a explicacão aqui, como a da Sciencia, como a da Historia, é quasi uma "explicacão por hypothese".

Entretanto, ninguem ainda rasgou a Historia. Ninguem ainda incinerou a Sciencia.

Razão sobeja para que não se ponha este album no lixo, sob o pretexto de que é muito falso.

Tal argumento, porém, não colhe.

Não ha falsidade onde ha alegria.

BELMONTE.





N O E D E N

O inicio da calamidade universal



NA ÉRA DA PEDRA LASCADA

Apezar de tudo ser de pedra, na éra paleolítica, o galan das cavernas sabia que o coração das divas não era... paleolítico.



NA E'RA NEOLITHICA

O periodo lacustre deu inicio as barcarólas.

Nesse tempo, como a pedra era polida, o homem resolveu imital-a e transformou-se num bardo a bórdó...



NA EDADE DO BRONZE

Entrou em scena o metal (o vil). E tudo andou á matrôca, devido á má troca de muita gente!

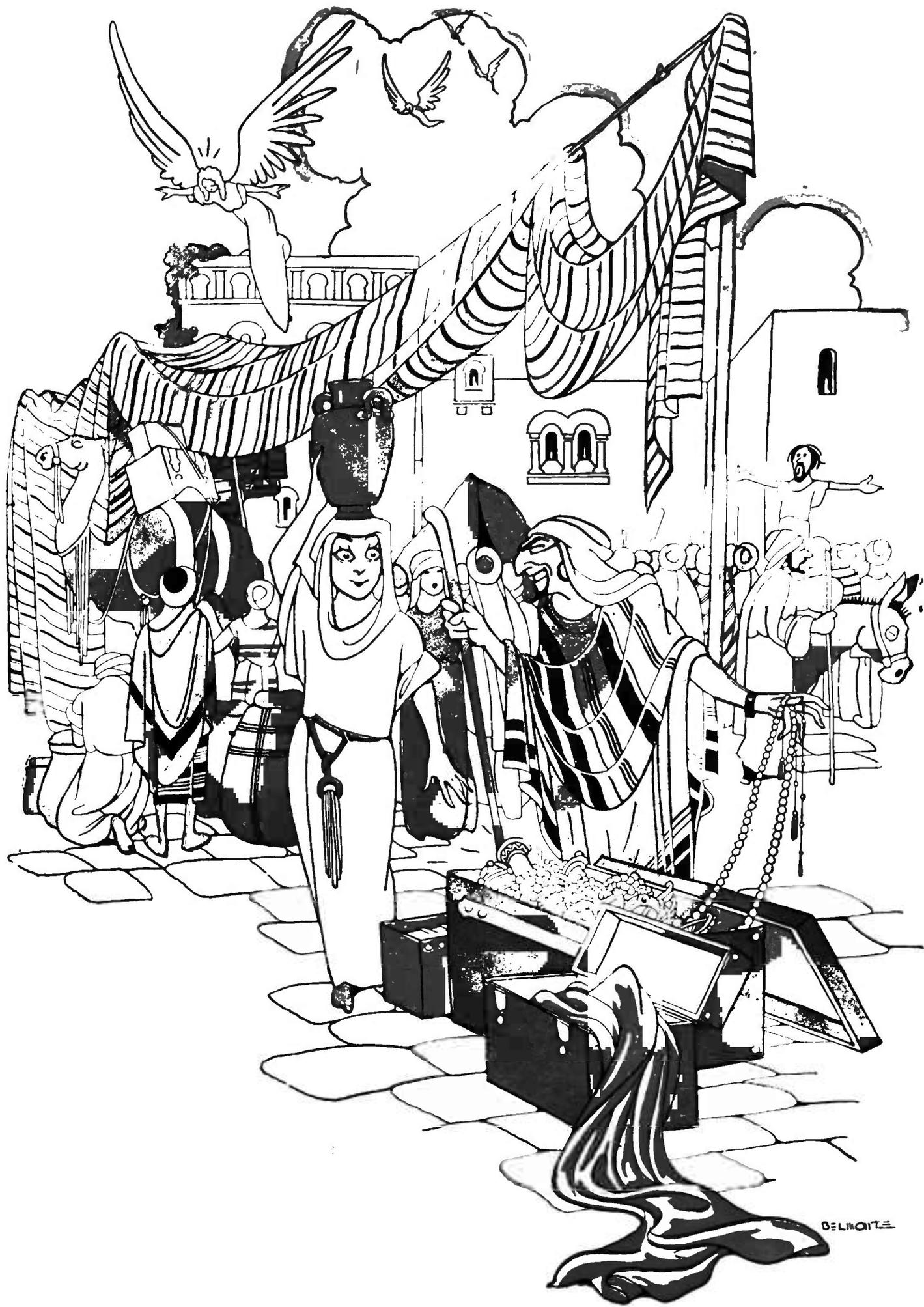


NA EDADE DO FERRO

Inventado o ferro, houve mais fogo. E esse periodo deixou de ser, logicamente, um periodo "páu"...



HISTORIA ANTIGA



“3 — E disse o mercador: Vem commigo e eu te cobrirei de joias e de atavios.
E ella achou bom e foi com elle... (versiculo inédito de um Velhissimo Testamento).



NO EGYPTO DOS PHARAO'S

Entre esse povo religioso era, o amor, coisa sagrada que se implorava de joelhos.
A corrida que o "velho" dava no galan é que sempre foi igual, em todos os tempos



NA ASSYRIA

A lyra — ancestral fidalgo do “pinho” choroso — entra nas suas funções. O assyrio, quando ama a serio, “delira” toca as cordas insensíveis da mulher, tocando as cordas sensíveis da lyra



NA GRECIA ANTIGA

Em casa de Alexandre o poeta é rei. Mas em casa de Aspasia o poeta... errou!



NA ROMA DOS CE'ZARES

“Roma” é “amor”, escripto ás avessas. Escripto e praticado.
Depois disso... só mesmo a invasão dos barbaros.



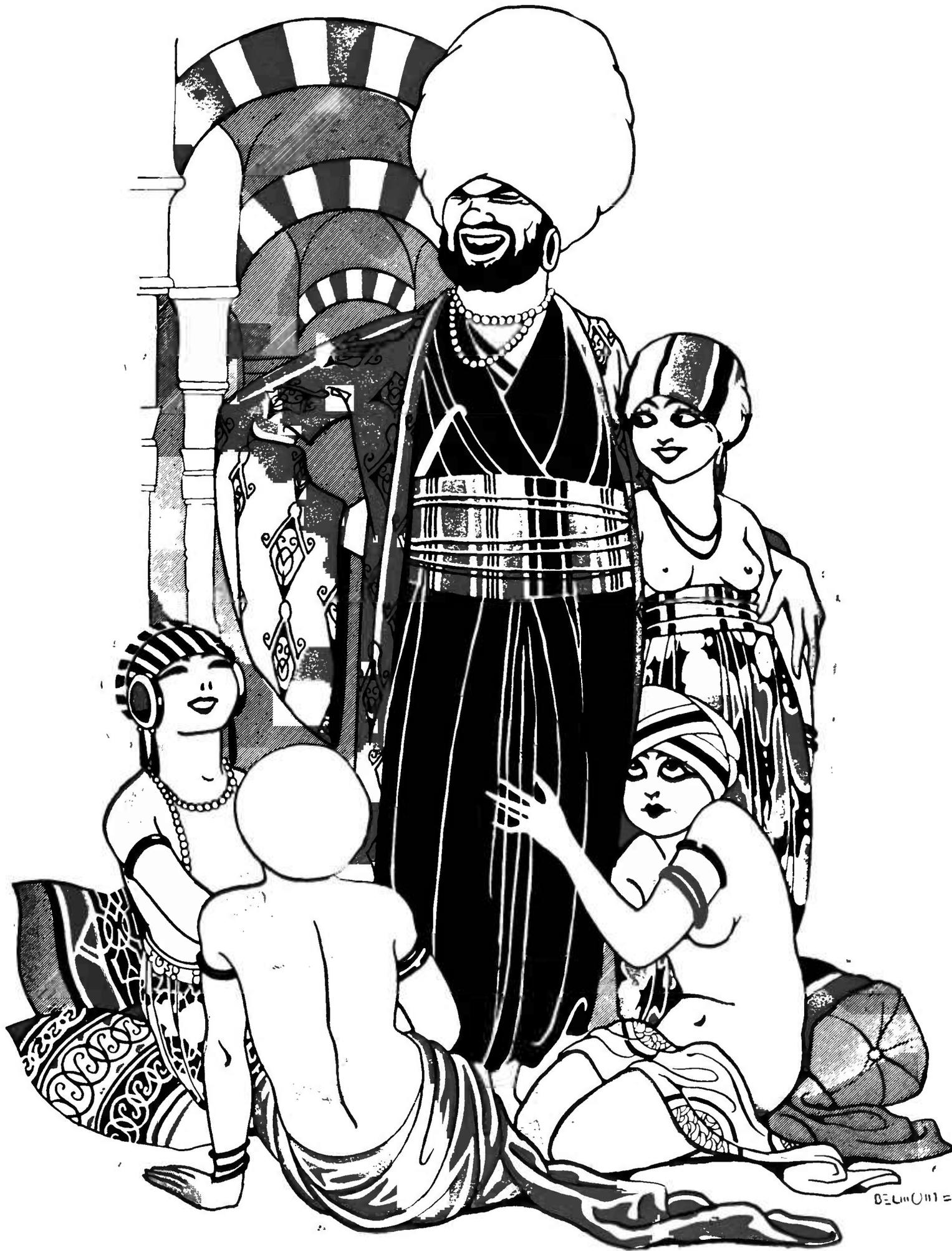
NA GALLIA

Vercingetorix aprisiona a romana e, mais tarde, na barraca, impõe-se este de... "ver: cinge thorax" feminino...



SOB O IMPERIO DOS BARBAROS

Lá se foi tudo quanto Martha fiou...



NO ANTIGO IMPERIO ARABE

No V seculo o homem não abria a bocca para declarar-se. Escancarava a bolsa. Esta, quando cheia, era muito mais convincente do que aquella. Apesar de religiosas, ellas não se contentavam com “promessas”...



IDADE MEDIA

The image features the text "IDADE MEDIA" in a bold, stylized, outlined font. Behind the text is a line-art illustration of a medieval castle with multiple towers and spires. A path of stones leads from the bottom center towards the castle. The entire graphic is centered on a white background.



NOS TEMPOS DO FEUDALISMO

“O suzerano, em troca da concessão do feudo, recebia os serviços dos vassallos”.

Quanto às “vassallos”, a História de cala inexplicavelmente...

Mas nós não temos nada que ver com isso.



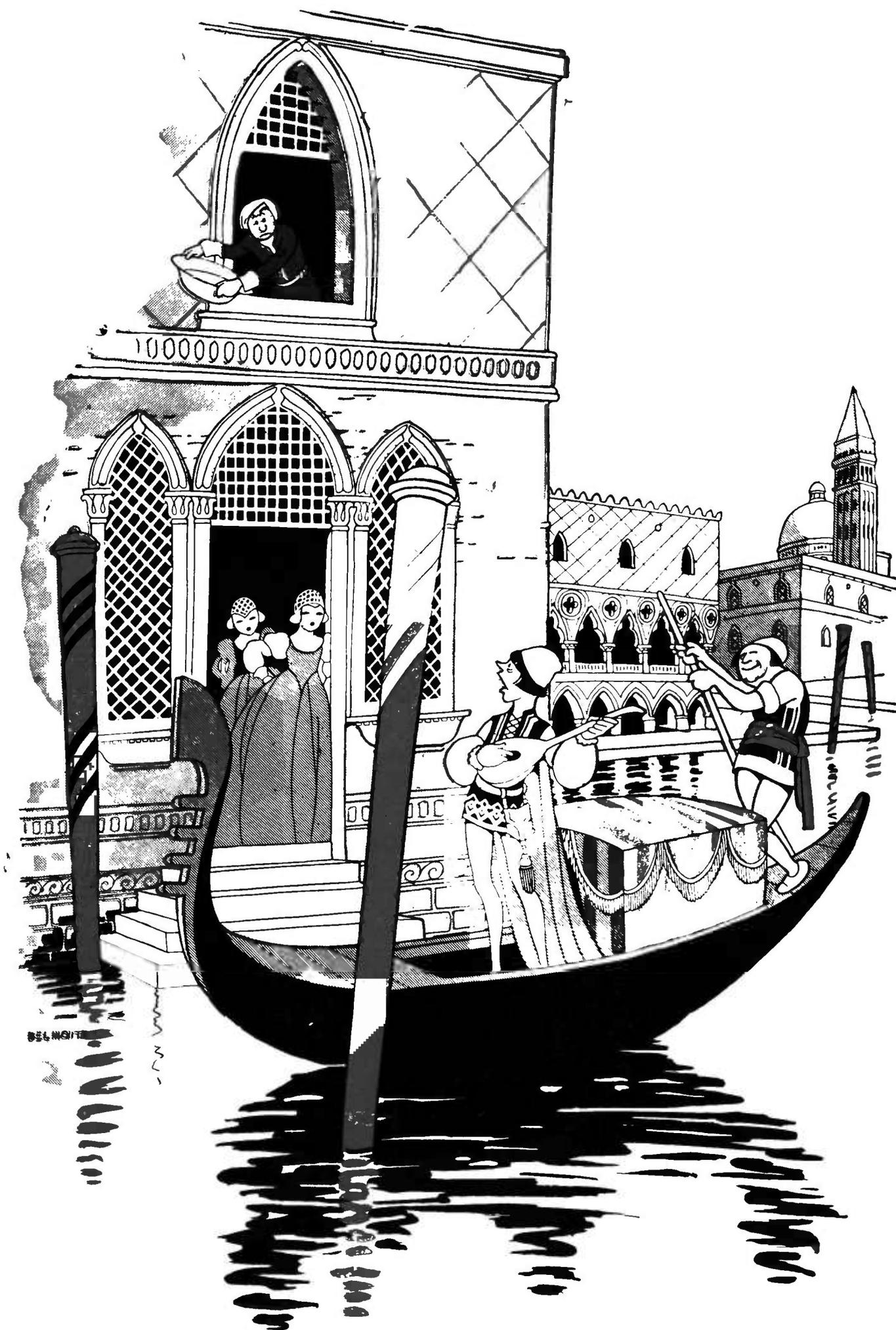
NO TEMPO DAS CRUZADAS

Quando o guerreiro audaz, na Terra Santa, exclamava aos seus commandados: "ha mouros na costa", não sabia que, no seu castello, havia a mesma coisa...



NA EPOCA DOS TORNEIOS

O truão costumava exclamar nesses momentos:
— E dizem que o bobo sou eu...

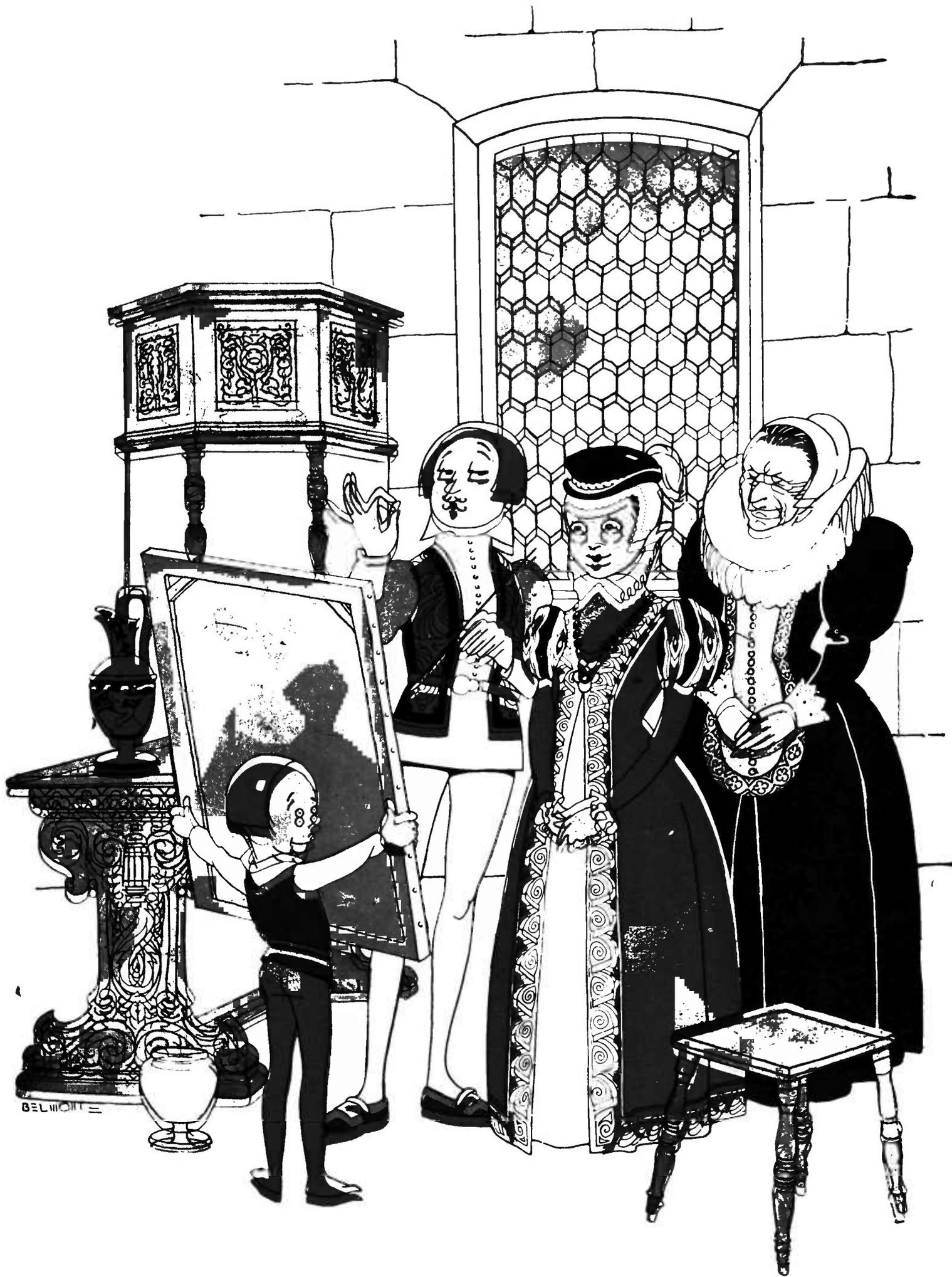


NA VENEZA ROMANTICA

Não canta o rouxinol, não canta a cotovia...
Vae "cantar-lhe" no lombo, um banho de agua fria.



HISTORIA MODERNA



NA RENASCENÇA

Elle pinta. Ella admira. E, da admiração ao amor, o passo é curto.
Afinal para alguma coisa devia servir a Arte...



SOB A REFORMA RELIGIOSA

— Essa pequena será catholica ou protestante ?!
Os galans desse tempo tinham, alem do pae “della”, esse problema grave a resolver, porque a fogueira da Inquisição gelava... a espinha e o baração os deixava em... baraçados !



NO TEMPO DE HENRIQUE IV

O "mignon" da corte, se não tinha a eloquência do verbalismo lyrico, tinha o jogo por si: este era mais infalível que as settas de Cupido. Uma victoria na partida de bibloquet valia tanto como um triumpho nos campos de batalha!



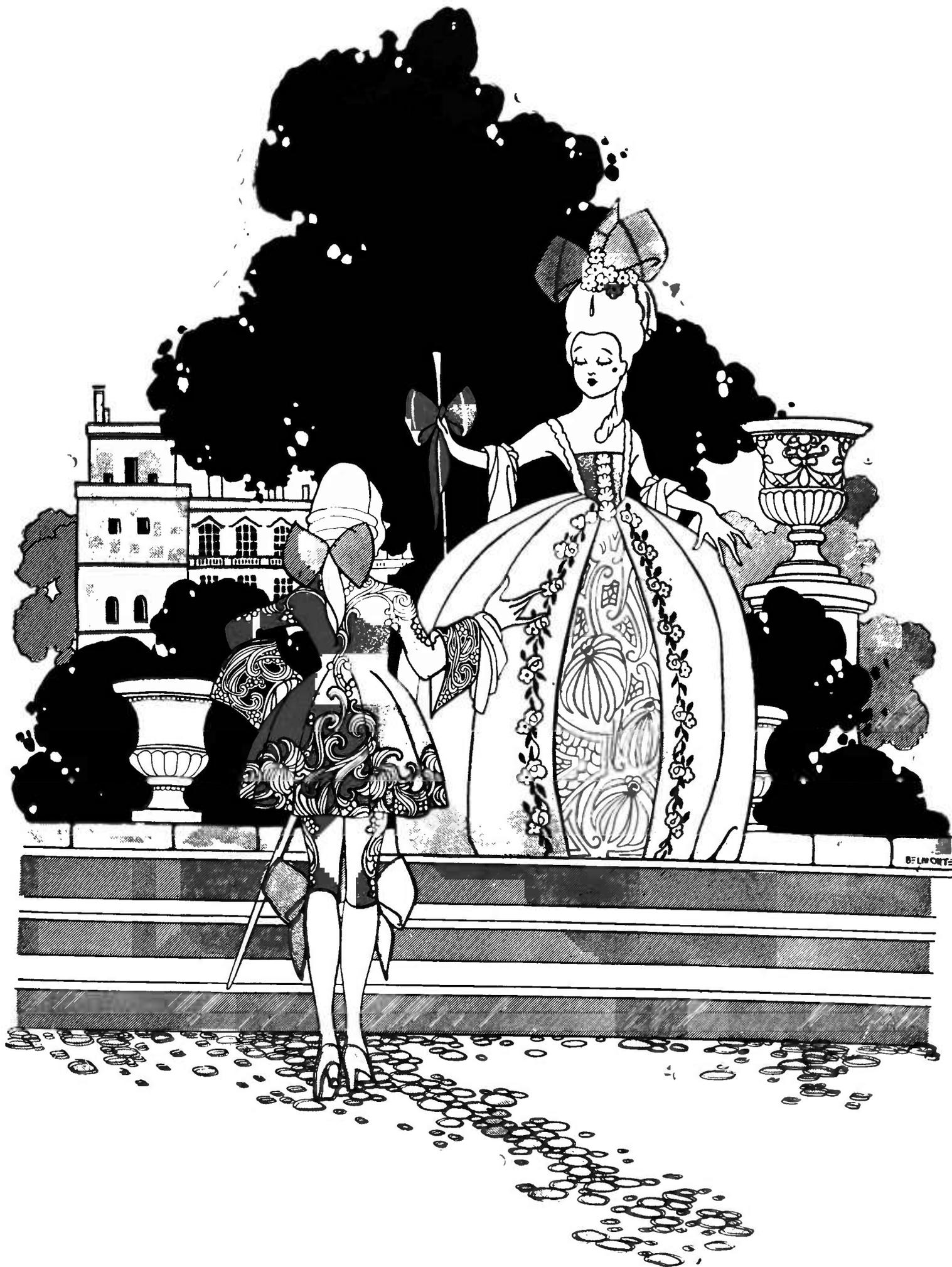
NA FRANÇA DE RICHELIEU

Qual dos dois ficará com... o osso ?



AS "BANDEIRAS" PAULISTAS

Duas raças estranhas que se defrontam e, logo, se compreendem!
Não fosse o amor o idioma universal...



NOS TEMPOS DA GALANTARIA

O amor... o amor mezure, o amor-delicadeza
Entre o joven Barão e... a senhora Baroneza ?
Não!
Entre o joven Barão e... a senhora Marqueza...



DURANTE A REVOLUÇÃO

... égalité...



NA PRÉSENÇA DO "DIRECTORIO"

— C'est incroyable, merveilleuses ! Mas que culpa tenho eu de ser joli ?

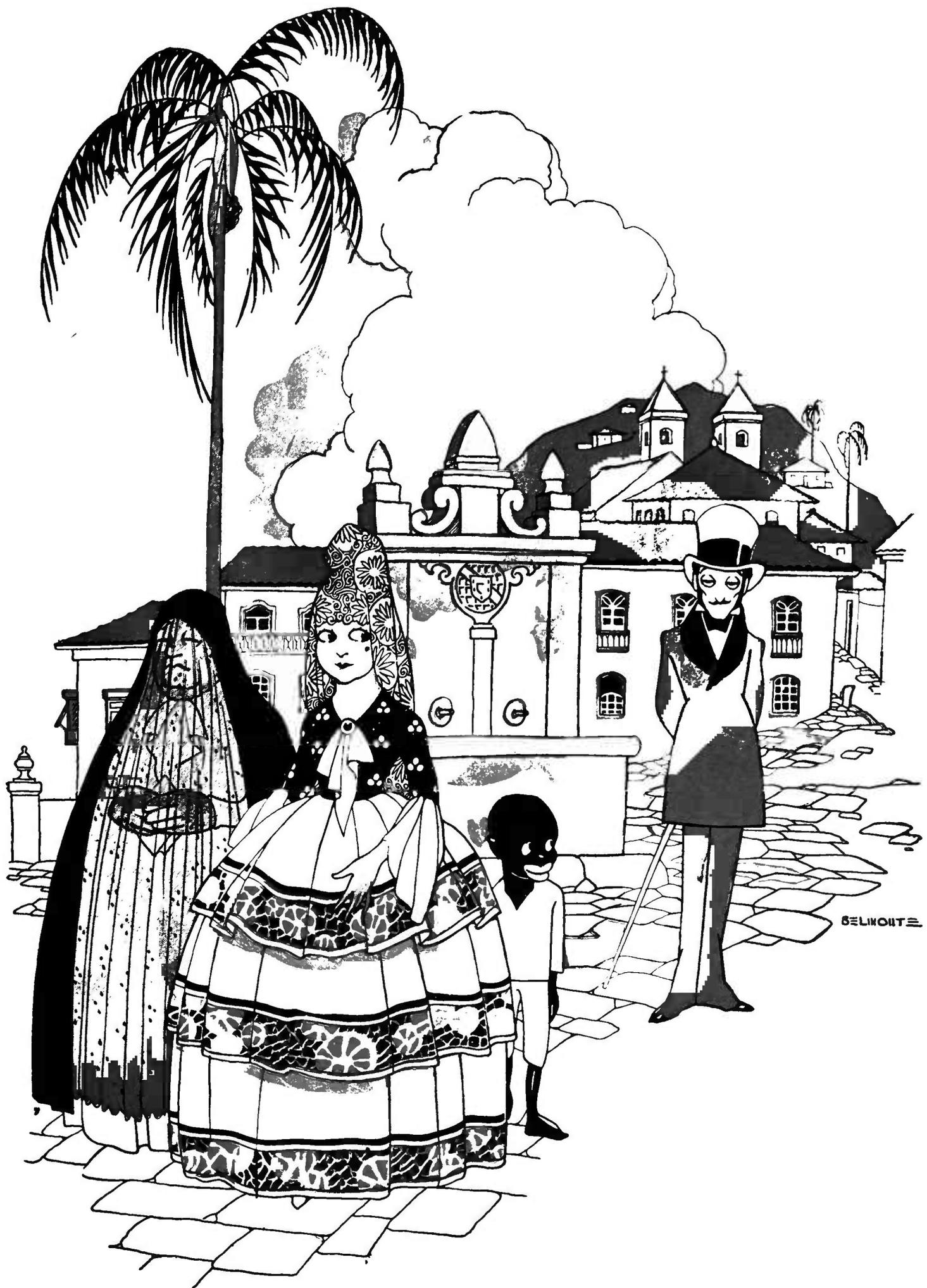


**HISTORIA
CONTEMPORANEA**



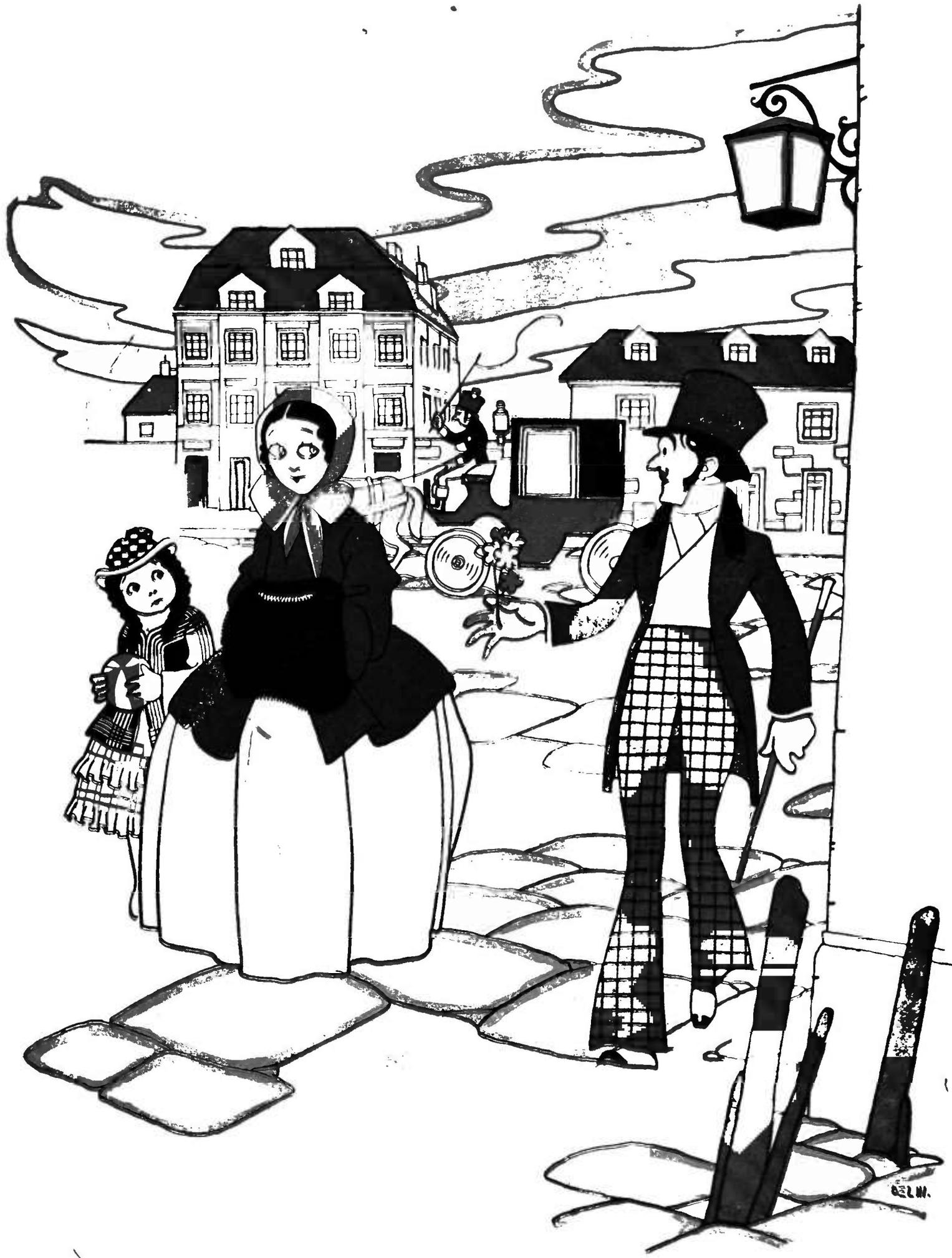
NOS TEMPOS DO ROMANTISMO

○ rimador de sonetões horríveis
tuberculoso, anêmico, famélico,
dona, sem custo, os corações sensíveis
e desbarata o rapagão brummélico !



NO BRASIL COLONIA

Como começava a conjugação do verbo "amar".
Ella — verbo "transitivo". Elle — pronome "reflexivo".
E o Benedicto — traço de união.



1840

Bons tempos! Ellas ainda acreditavam em raminhos...



FIM DE SECULO

O primeiro automevel: Prrrrr! Fon-fom!

Se o "carro electrico" levava horas para atravessar uma praça, o motorista levava um segundo para penetrar nos corações femininos.



F I M D E S E C U L O

“Stock de paixão em comprimidos postaes; entrega-se a domicilio”.
“Pagamento” á vista, “pela volta do Correio”.



DURANTE A CONFLAGRAÇÃO

Pela primeira vez, nos tempos modernos, o producto "homo" valorisou-se !



HISTORIAS DE HOJE



“ O R O U G E ”

... que faz a “bouche-en-coeur”. Maneira facil da mulher fallar com o coração nos labios”...



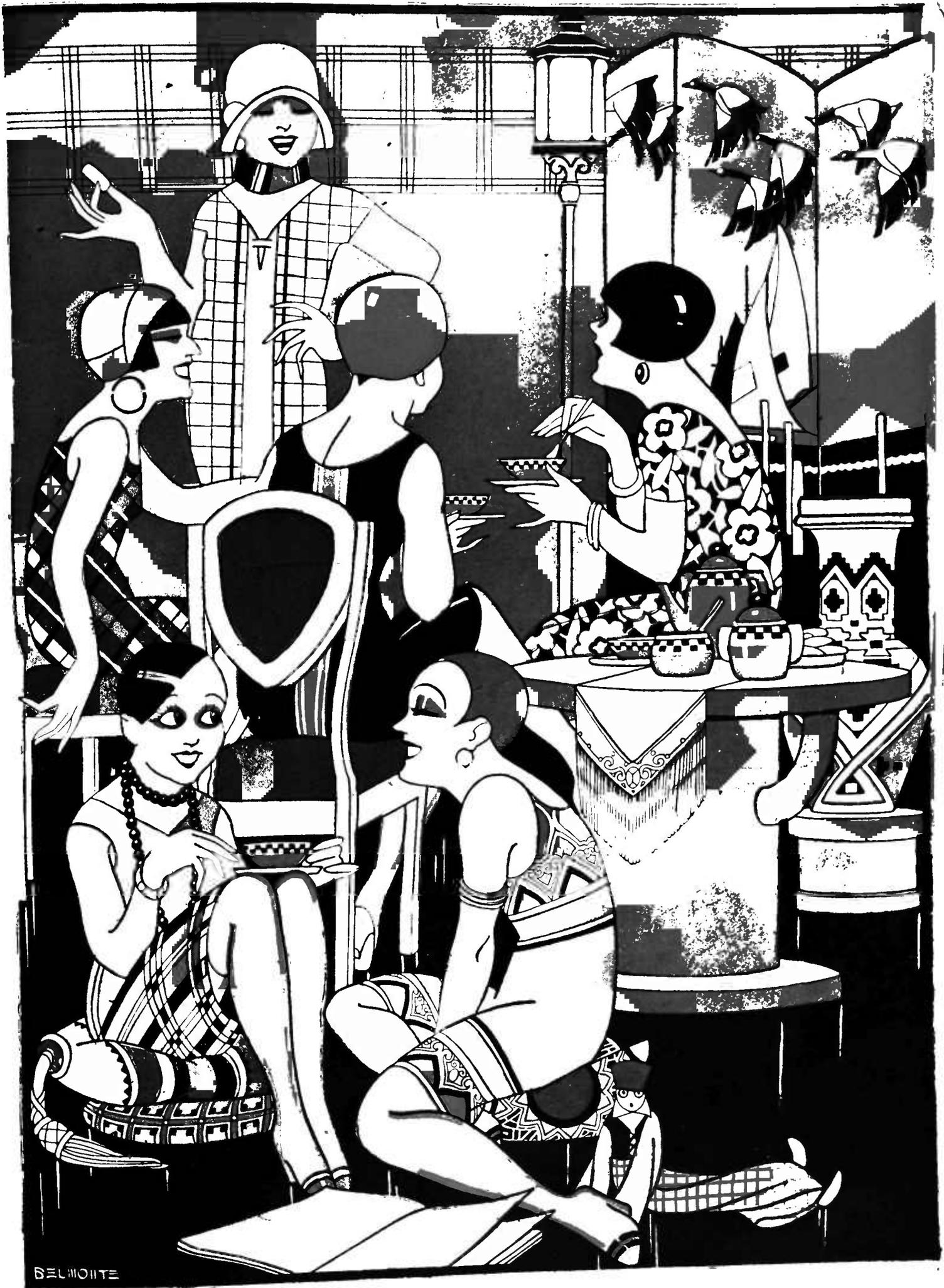
REFLEXÃO

— O melhor companheiro para uma “cigarra”, deve ser mesmo um cigarro...



— M E U A M O R !

Quinze minutos antes, ella, num assomo de ira, chamara o amante de ... cão !



DEPOIS DO FOOTING...

... o chá. E, ao mesmo tempo, devassa completa na vida d'elles...



NUM CANTO DA SALA

— Ora, Zéquinha! Você é muito creança para casar-se commigo!

— Mas eu não quero casar! Eu quero é ficar noivo...



— Ou tu me amas ou eu me suicídio !
(Um velho processo de conquista. Infallível noutros seculos.
Hoje não dá mais resultado. O abuso... do uso estragou o systema).



— Allô ! Boa tarde, Luiz !

— ...

— Hein ?.. Ah! é você, Gustavo! Pela voz, parece o Roberto, apesar de eu estar esperando telefonada do Alfredo ou do Chiquinho...



— Oh! pequena! Vamos dar uma chispada, heim ?

E é assim que começam as conquistas... dynamicas, no seculo do futurismo. O auto tem um prestigio ir... radiador, para esses amores "volantes". O amor não nasce tambem de uma "explosão"? E não é tambem uma "combustão interna" ?



Elle — Meu amor! Por ti daria a minha vida!
Um minuto depois.
Ella — Porque não vieste hontem?
Elle — Oh! Não viste como chovia?...



— Olá, Tetéia ! Onde vae ?
— Onde você quizer...

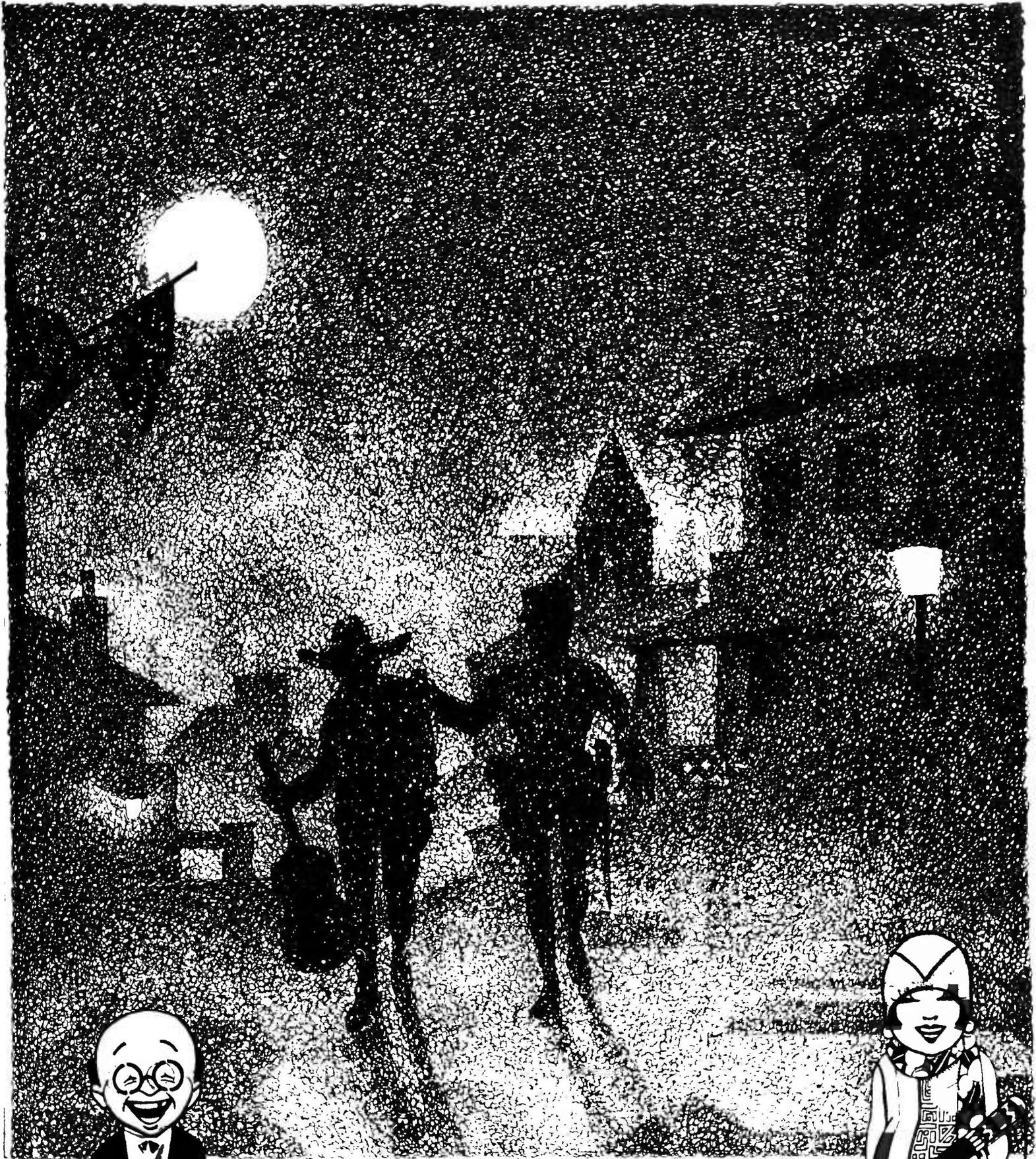


NO "DANCING"

- Quer casar commigo ?
- Mas eu estou te vendo pela primeira vez !
- E que é que tem? Na noite do casorio você me verá pela ultima vez...



- Alli vae a Luiza com o marido.
- E quem é aquelle sujeito baixinho que vae ao lado delles ?
- Oh! aquelle é que é o marido.



O U L T I M O R O M A N T I C O

4000 —

p/ Dr. Lindlin - a/c David -

SL.

(exam)



Lilian Branson

CHOCOLATE
DE

Bhering & Co.

É DELICIOSO